



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutor em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CLEPUL – FL/UL)

Gerhard Sailer (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João Costa (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

Ana Paula Ferreira

Índices

João Costa

Imagem de capa

Albrecht Dürer (1471-1528)

Die vier apokalyptischen Reiter – os quatro cavaleiros apolípticos

Xilogravura – 1498

1.ª ed.: *Die heimlich Offenbarung Iohannis* [Die Apokalypse]. Urausgabe 1498

2.ª ed. texto em latim: *Apocalipsis cum figuris*. Ausgabe 1511



SUMÁRIO

Imagem da capa: Os auxiliares da morte: ontem éramos seis, hoje somos apenas dois, p. 9
João Alves Dias

ESTUDOS

A assinatura do rei D. Dinis: observações para o estudo da chancelaria real portuguesa medieval,
p. 13
Saul António Gomes

O papel da diplomacia na preparação da conquista de Ceuta, p. 37
Diogo Faria

Gerir uma vila alentejana no século XV: as finanças municipais de Elvas em 1432-1433, p. 55
Joana Sequeira e Sérgio Ferreira

Viagem e naufrágio de uma nau da carreira da Índia: o caso da São Francisco Xavier (1623-1625),
p. 71
Marco Oliveira Borges

MONUMENTA HISTORICA

Diana Martins, António Castro Henriques, Daniela Fernandes Santos, Pedro Pinto, Inês Olaia, Carlos Silva Moura, Maria Teresa Morujão Novais de Oliveira, Miguel Portela, Pedro Mota Tavares, Ana Isabel Lopes

Contenda de vizinhança entre Portalegre e o Crato [1301-1672], p. 95

Carta de D. Dinis a Jaime II de Aragão pedindo a libertação de dois corsários do Algarve [1305],
p. 99

Carta de D. Afonso IV ao Infante Jaime de Aragão sobre os rumores do casamento do Rei de Castela com a sua filha [1325-1327], p. 101

Lista dos naturais da Igreja de Vilar de Porcos, Terra da Maia (1329), p. 103

Carta de emprazamento de uma casa na alcáçova de Lisboa, ladeada pelos paços régios e a Casa dos Contos [1364], p. 107

Matrículas de ordens menores do bispado de Évora (1472), p. 109

Carta de D. João II a Fernando, Rei de Castela e Aragão, sobre a chegada a Lisboa do almirante D. Cristóvão Colombo (1493), p. 119

Carta de D. João II a Fernando, Rei de Castela e Aragão, sobre a suspensão da saída de navios para prosseguir as descobertas (1493), p. 121

Carta de D. João II a Diogo de Sousa (1493), p. 123

Carta de D. João II a Diogo de Sousa (1493), p. 125

Carta da Senhoria de Siena a D. Diogo de Sousa (1495), p. 127

Carta de D. Jorge da Costa a D. João II (1495), p. 129

Inventário dos bens de Catarina Loba (1498), p. 131

Carta de D. Manuel I a Fernando, Rei de Castela e Aragão, sobre os cristãos-novos castelhanos que saíam do Reino (1507), p. 157

Apontamentos apresentados pela cidade de Coimbra a D. Manuel I (1510), p. 159

Carta da câmara de Coimbra a D. Manuel I sobre um cristão-novo (1510), p. 163

Memória da tomada da fortaleza de Catifá, ordenada por D. Afonso de Noronha, vizo-rei da Índia (1551), p. 167

Lista das casas nobres que vagaram no Reino de Portugal (c. 1577), p. 211

Jornada do Duque de Bragança da primeira vez que foi beijar a mão de Sua Majestade, em Elvas (1581), p. 215

Relato da jornada de D. Catarina de Bragança a Vila Boim onde a veio visitar o Rei D. Filipe I de Portugal (1581), p. 219

Relato da chegada a Lisboa de Filipe II de Espanha (I de Portugal) (1581), p. 223

Relato da viagem de Filipe II de Espanha (I de Portugal) até Almada (1581), p. 227

Inventário dos bens de Belchior de Amorim, falecido em Olinda (1595-1597), p. 229

Apontamentos de natureza histórica e genealógica sobre João Fernandes da Silveira, Barão do Alvito, com resumos de escrituras existentes no seu cartório [post. 1659], p. 239

Obras nas igrejas da Figueira da Foz, Tavarede e Buarcos (1708), p. 247

Doação do arquiteto Fr. João de Santo António a seu sobrinho Domingos da Costa (1708), p. 249

Procuração do sineiro Domingos Rodrigues do Espinhal (1709), p. 251

Contrato da obra da capela das almas na Igreja de S. Silvestre (1734), p. 253

Renúncia dos serviços do bispo de Angola Dom Luís Simões Brandão a favor do juiz de fora da vila de Coruche Francisco Xavier Mendes (1737), p. 257

Dote de Maria de Jesus para ser recolhida no recolhimento de Jesus Maria José do Louriçal (1738), p. 261

Procuração do entalhador João António da Silva ao arquiteto Miguel Francisco da Silva e ao mercador Francisco José de Araújo (1739), p. 267

Obras do marceneiro João Ferreira Quaresma na igreja da colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra (1770), p. 269

Doação de Maria Joana de Melo ao novo convento que se pretendia fazer em Vila Pouca da Beira (1780), p. 275

Petição mista dos moradores em Rihonor de Castilla pedindo a isenção do pagamento de contribuições (1782), p. 279

As obras da capela-mor da igreja de S. Pedro de Buarcos (1790), p. 281

Pedido dos moradores de Petisqueira, Guadramil, Rio de Onor e Valverde para redução do foro a um preço certo em dinheiro (1799), p. 287

Plano de Miguel Carlos Caldeira acerca da administração do convento de Mafra (1801?), p. 289

Carta da Estação de Saúde do porto de Esposende sobre portos inspecionados e declarados suspeitos de cólera e febre amarela (1865), p. 293

ÍNDICE

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 295

LISBOA
2019

EDITORIAL

SETE. Desde cedo que o sete é considerado um número perfeito.

Segundo o Génesis ao sétimo dia *lavee* contemplou a sua obra... gostou e ela continuou até hoje. Será esta contemplação e este número um bom sinal? Esperemos que sim. O Rei português Duarte teorizou que tudo tem um ciclo de sete – embora se estivesse mais a referir às idades em que se organizava a vida do Homem. Aceitemos então que o sete foi a idade da infância da *Fragmenta Historica*. Graças ao empenho de um grupo de amigos do Centro de Estudos Históricos conseguiu-se o feito de chegar até aqui. A todos o Obrigado.

Os Centros de Investigação da FCSH mudam de lugar físico. O CEH – fundado aquando da formação da Faculdade – optou por não concorrer aos fundos de apoio da FCT. Embora seja uma Unidade de Investigação independente e com personalidade jurídica autónoma encontra-se ligado a essa matriz, à matriz que os fundadores da novel Faculdade da UNL procuraram implementar desde o primeiro momento: privilegiar a publicação de fontes e os seus estudos como pilar sustentado da investigação que perdurará ao longo dos séculos.

Assim este número SETE mantém-se fiel ao espírito de todos os outros que o antecederam. Na sua génese encontram-se as fontes primárias – os documentos – e vários estudos da sua aplicação prática, abordando temas estimulantes e inovadores. A História – como interpretação – pode depressa deixar de estar válida: a verdade é sempre uma construção de cada momento. O documento – desde que autêntico e sem ser forjado – será sempre válido e sempre permanente.

Com a esperança que encerrado este ciclo de sete números outro ciclo se começa, por um novo período até ao número catorze e, o devir do futuro lhe dará o seu valor.

Campo de Santa Clara, 10 de abril de 2020.

IMAGEM DA CAPA

Os auxiliares da morte: ontem éramos seis, hoje somos apenas dois

João José Alves Dias
CEH; CHAM & D.H. - FCSH (NOVA) UNL

O mundo está suspenso neste fim do ano de 2019 e começo do ano 2020. Uma vaga infecciosa avança a um ritmo mais ou menos veloz pelos diferentes países. Um vírus que começa com um primeiro foco identificado na China a que se segue o Irão como segundo foco de maior intensidade. Não sabemos se é mesmo assim ou se a História, um dia, vai registar o acontecimento de maneira diferente. Uns mais assustados do que outros recolhem-se mesmo antes da OMS declarar que é uma Pandemia. Para alguns, a OMS demora tempo de mais a reconhecer a evidência.

Tudo fica em suspenso e o mundo para. Os eixos mais desenvolvidos do planeta ficam bloqueados, deixando praticamente de haver comunicações quer internas e muito menos de ligação ao exterior. Fecham-se as fronteiras – o que seria impensável em 2019.

Não é a primeira vez que o mundo se encontra perante uma situação semelhante: de pandemia. São mesmo muitas as pandemias registadas ao longo da História, tantas que não teríamos espaço viável para as arrolar. A todas essas infeções o ser humano foi sobrevivendo e a todas elas se foi adaptando.

Como que por magia, no pensamento de quase todos surge apenas um ou dois dos nomes com que se vulgarizaram essas infeções na História: **peste** – em especial a Peste Negra (1343-1351) – de origem bacteriana; e a *influenza*, vulgarmente designada **gripe** – em especial a Pneumónica (1918-1920) – de origem viral. Quando os agentes infecciosos escapam ao curso habitual regista-se um acentuado número de mortes. Se essa contaminação for descontrolada e se espalhar pelo planeta estamos perante uma Pandemia. A persistência, na memória de hoje, desses nomes – Peste Negra e Pneumónica – deve-se ao facto de uma grande fatia da população mundial ter desaparecido com essas infeções.

Thomas Malthus (1766-1844), economista britânico, teorizou que os acontecimentos cíclicos de mortalidade eram naturais e necessários para harmonizar o ser humano e a natureza. É sempre a lei do que se melhor adapta, como recordou Darwin (1809-1882). Ontem, hoje, amanhã.

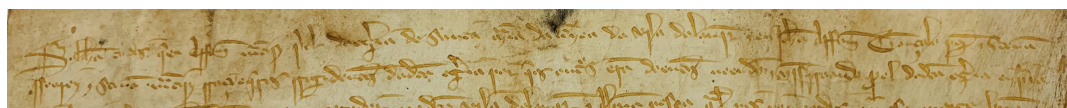
A diferença, do passado para o presente, é estarmos a viver na Idade Global. Já não estamos mais nem na Antiguidade, nem na Idade Média, nem na Idade Moderna, nem na Idade Contemporânea. Em

2020 estamos na Idade Global. Idade Global em que quase tudo se pode espalhar por todos (por toda a humanidade) num espaço de 24 horas; numa Idade Global em que as comunicações reais demoram menos de um minuto para dar a volta ao globo terrestre.

Assim, só nas velocidades do conhecimento e da transmissão esta PANDEMIA é diferente de qualquer uma das anteriores. Hoje, tal como ontem, temos economias destruídas e perturbações no quotidiano. A todas as pandemias o homem tem sobrevivido e, de quase todas, se vai esquecendo.

Aqui e ali continuam a ser lidos, relidos e comentados documentos, procurando neles encontrar indícios das diferentes infeções do passado que, recorde-se, não deixaram de existir – de todas as pandemias do passado, aparentemente, apenas o SARS (está desaparecido ou latente) e a varíola (reduzido a laboratório) deixaram de atacar a humanidade. Para todas elas a história tem procurado conhecer os momentos da chegada e os caminhos da difusão. «As notícias sobre o itinerário da Peste Negra em Portugal são parcas» como escreveu Oliveira Marques¹ reservando «para obra a publicar proximamente, a difusão desta e doutras fontes»² o que infelizmente não aconteceu.

A exumação da documentação e a sua publicação permitem cruzarem-se novos dados e abrirem-se novas pistas de conhecimento e novas interrogações. Um pequeno exemplo, já documentado, salienta-se os efeitos da epidemia por puro acaso:



“Documento cedido pelo ANTT” Cota: Colegiada de Nossa Senhora da Várzea de Alenquer, Maço 1, N.º 39

«Sabham todos *que* eu Affonso martijnz priol da egreja de Santa Maria da uarzea da vjla d alanquer e eu Ioham Affonso Gonçalo perez e Steuam ssoarez e Steuam martijnz rraçoeiros rregidentes da dicta egreja porque os outros eram doentes»³.

O número de raçoeiros da igreja passou de 6 (em 1346)⁴, para 4 (1348)⁵ e para dois (em 1351 e 1352)⁶.

A gravura de Albertch Dürer⁷, que ilustra a capa deste número, demonstra bem o caminhar lento da morte – representada pelo cavaleiro que transporta um tridente e que monta, no seu percurso quotidiano, um molar lento –, porque nos deixa ir vivendo numa sequência geracional. Mas esse caminhar lento pode ser modificado pelo caminhar veloz dos outros três cavaleiros (que lhe mudam o ritmo e o ajudam na sua função de fazer desaparecer a Humanidade); três cavaleiros que marcham bem montados: cavaleiro da balança (fome), cavaleiro da espada (guerra) e cavaleiro da flecha (enfermidade).

¹ *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, vol. IV de *Nova História de Portugal*, direção de Joel Serrão e de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 20-21.

² A. H. de Oliveira Marques, *Portugal na Crise*, p. 21, nota 1.

³ Lisboa, ANTT, Colegiada de Santa Maria da Várzea de Alenquer, Maço 1, doc. n.º 39; publicado por João Pedro Ferro, *Alenquer Medieval (séculos XII-XV): Subsídios para o seu estudo*. Cascais, Patrimónia, 1996, p. 85.

⁴ João Pedro Ferro, *Alenquer Medieval*, p. 85, referenciando o documento: Lisboa, A.N.T.T., Colegiada de Santa Maria da Várzea de Alenquer, Maço 1, doc. n.º 4.

⁵ J. P. Ferro, *Alenquer Medieval*, p. 85, referenciando os documentos: Lisboa, A.N.T.T., Colegiada de Santa Maria da Várzea de Alenquer, Maço 1, doc. n.º 39.

⁶ J. P. Ferro, *Alenquer Medieval*, p. 85, referenciando o documento: Lisboa, A.N.T.T., Colegiada de Santa Maria da Várzea de Alenquer, Maço 1, doc. n.º 13 e 6 (respetivamente).

⁷ Albrecht Dürer (1471-1528)- «Die vier apokalyptischen Reiter» (Os quatro cavaleiros apocalípticos). Xilogravura (aberta em 1498) com duas publicações- 1.ª ed: *Die heimlich Offenbarung Iohannis* [Die Apokalypse]. Urausgabe, 1498; 2.ª ed. texto em latim: *Apocalipsis cum figuris*. Ausgabe, 1511.





CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA